

A PARRHESÍA COMO POSSIBILIDADE ÉTICO-POLÍTICA: Um estudo a partir de Michel Foucault

Sergio Fernando Maciel Corrêa¹ ; Quêren Saraiva Gomes²

INTRODUÇÃO

Entre os anos 1981 até 1984, ano da sua morte, o filósofo francês Michel Foucault se empenhou em pesquisar e a construir uma Genealogia da Ética. Com o objetivo de encontrar uma estética da existência se dedicou em estudar textos gregos ligados à mitologia, à literatura trágica, à filosofia, à medicina, à política e ao “direito grego”. Nestas leituras encontra uma noção fundamental para o desenvolvimento do seu projeto: a *Parrhesía*, que em grego é assim grafado [παρρησία] e envolve a confiança, a ousadia, o destemor, a coragem sempre em relação ao ato de falar. Na sua forma verbal, *parresiazomai*, temos a grafia [παρρησιάζομαι] que pode significar a capacidade que um indivíduo tem para falar livremente, de forma aberta e destemida. A partir das duas formas anteriores podemos supor a existência de um sujeito humano que faz o uso da *Parrhesía* na sua fala – o *parrhesiasta*: [παρρησιαστής], quem, portanto, tem a coragem de falar a verdade independente do seu *estatus*. Este artigo tem por objetivo mostrar que para além das lágrimas e das lamentações o ato de palavra era o único direito político,

¹ Professor de filosofia do Instituto Federal Catarinense - *Campus* Videira, SC. Doutorando em Filosofia na linha de pesquisa Filosofia Social e Política pela Unisinos, São Leopoldo-RS. Tem Aperfeiçoamento em Educação para igualdade racial pela UFRGS (2014) É especialista em Gestão Escolar pela UnC (2008). Mestrado em Filosofia - área de concentração: ética e filosofia política (2014) pela UFPel. E-mail: sergio.correa@ifc-videira.edu.br

² É acadêmica do quarto período do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto Federal Catarinense, *Campus* Videira-SC e pesquisadora voluntária no projeto de Iniciação científica: Uma Virtude Ético-Política do Dizer Verdadeiro? Uma Tensão Entre a *Parrhesía* Política e a *Parrhesía* Cínica Em Michel Foucault. E-mail: qurengomes8@gmail.com

um ritual de coragem pelo qual o fraco denunciava uma injustiça cometida pelo poderoso a partir de uma ética de vida.

É nas últimas palavras da aula de 03 de março de 1982 em, *A Hermenêutica do Sujeito*, que Michel Foucault traz para a análise a noção de *Parrhesía*. Para o filósofo, a questão da *Parrhesía* se apresenta como um problema de formação nas escolas filosóficas de vida: ou seja, na relação do mestre com seu discípulo. Nestas escolas de vida os discípulos constituíam sua forma de viver na escuta silenciosa e atenta do seu mestre. O mestre, por sua vez, formava a subjetividade dos seus discípulos pelo discurso. A genealogia que Foucault faz dos textos e de autores antigos sugere que o discurso formativo do mestre não obedecia aos objetivos dos enunciados retórico; não tinha a função de lisonjear a personalidade bem cultivada do discípulo; não procurava dotar um sujeito aprendiz, por meio de uma ação pedagógica³, de uma aptidão técnica. Para Foucault o discurso do mestre deveria obedecer a um único princípio: o da *Parrhesía*. Neste ponto da sua aula o professor Foucault, então faz a definição do que se entende por *Parrhesía* e que tipos de obrigações se colocam para o *parrhesiasta*:

Etimologicamente, *parrhesía* é o fato de tudo dizer (franqueza, abertura de coração, abertura de palavra, abertura de linguagem, liberdade de palavra). Os latinos traduzem geralmente *parrhesía* por *libertas*. E a abertura que faz com que se diga o que se tem a dizer, com que se diga o que se tem vontade de dizer, com que se diga o que se pensa dever dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro (FOUCAULT, 2010, p 327).

Neste caso, a *Parrhesía* exige uma única qualidade daquele sujeito que a usa em seu discurso formativo: sua qualidade moral. Portanto a *Parrhesía* não é uma técnica, não é uma pedagogia no sentido essencial do termo, não é uma arte de convencer, não é um elogio lisonjeiro. Por certo, ela também não está evidente em todo discurso, como se todo sujeito que tomasse a palavra obedecesse ao princípio da franqueza, da liberdade de expressão, e claro, da verdade. Seguir o princípio da *Parrhesía* não é simples e não só exige daquele que a usa muita ousadia e coragem

³ Na aula da semana seguinte, 10/03/1982, o filósofo faz uma importante distinção entre *Pedagogia* e *Psicagogia*. Enquanto a primeira tem por função dotar o sujeito de uma técnica qualquer que antes ele não possuía e que pela atuação de um *pedagogo* comprometido com a verdade do que ensina passou a dominar. Por outro lado, temos uma ciência que não atua no nível do domínio de uma técnica, mas na formação do caráter, a constituição moral do sujeito – A *Psicagogia*. Poderíamos perguntar: estas duas maneiras de “formar” um sujeito aconteciam de maneira separada? Privilegiava-se uma em detrimento da outra? Havia uma hierarquia entre estes saberes? Enfim, este é outro problema. Cf.: (FOUCAULT, 2010, p. 356).

ao falar, mas também uma arte de si mesmo, uma forma de vida, uma prática de formação da própria subjetividade, uma arte de cuidar de si. Castor Ruiz, atento a estes aspectos, registra: “Para Foucault as pesquisas sobre “o cuidado de si” e “a forma-de-vida” se vinculam à política, concretamente aos modos de resistência contra os dispositivos biopolíticos de controle social” (RUIZ, 2015, p 12). Ao mestre cabe esse dever de falar a partir de uma forma de vida. Por outro lado, o do discípulo o princípio é o da escuta atenta de um discurso que é equivalente a conduta ético-moral do mestre.

No cerne da noção de *Parrhesía* está pontuada uma atitude franca, uma abertura sincera de coração e uma liberdade de dirigir uma palavra verdadeira ao outro. Portanto, exige-se do *parrhesiasta* independente do *status* que ocupe uma decisão corajosa que toma a atitude livre de falar: este ato de fala é expressão de uma qualidade moral que se traduz em atitude moral. Ora, por ser uma qualidade e uma atitude moral a insurreição do *parrhesiasta* que se levanta contra uma injustiça do mais forte não é colérica. Dirigir uma palavra de cunho *parrhesiasta* ao poderoso que incorre em injustiça não é ser tomado por um arrebatamento violento, não é expressão de uma fúria incontrolada. Mas, implica, como diz Foucault em: “Articular as condições do domínio de si e do domínio sobre os outros, do governo de si mesmo e do governo exercido pelos outros” (FOUCAULT, 2010, p. 336”.

Está em jogo nesta questão da *Parrhesía* não só uma questão política da arte do governo dos outros, mas também um estilo de viver corajoso que acarreta em uma vida combativa. Cesar Candiotto, comentando acerca das relações entre *Parrhesía* Política e *Parrhesía* Filosófica registra:

À diferença da parresía política, o ato de dizer-a-verdade na parresía filosófica excede o objetivo do exercício de uma função concreta. A exigência de dizer-a-verdade está relacionada a um estilo de viver corajoso indispensável para a constituição do *ethos* de qualquer um, ao longo da existência (CANDIOTTO, 2014, p. 217).

Trata-se de um tipo de relação de poder que concebe o indivíduo não na condição estatutária de exercer o poder sobre os outros ou de situá-lo em uma ordem hierárquica das mesmas relações de poder. Neste caso a prática da *Parrhesía* é uma maneira corajosa que alguém sem status e sem investidura possui para poder criticar os abusos e quem sabe colocar um freio no poder.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa iniciou em agosto de 2015 e se encerrou em junho de 2016 e se efetuou a partir de uma leitura crítico imanente das obras finais de Michel Foucault. Desta forma, ela se comprometeu com o método utilizado por Wolfgang Müller-Lauter, importante interprete da Obra de Nietzsche, que define o que significa ler a obra de um filósofo: “esforço para compreender um pensador em seus interesses mais próprios, mesmo quando se quer observá-lo de ‘fora’, de qualquer ponto de vista que seja” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 24). Foi com o uso desse método que o comentador pretendeu criticar o entendimento de metafísica que Martin Heidegger atribuiu à Nietzsche (Cf.: MÜLLER-LAUTER, 1997, p.72). Este método de ler Nietzsche foi usado como ferramenta para compreender os interesses e questionamentos específicos de Michel Foucault,

Tal abordagem não impossibilitou o estudo de fontes, que permite a “compreensão do funcionamento dos argumentos quando reinseridos no contexto mais amplo de disputas que define o horizonte intelectual de uma época” (LOPES, 2012, p. 233). Este artifício metodológico contribuiu para a pesquisa, principalmente porque Foucault trabalha com textos-fontes da antiguidade e comentadores que de outros tempos históricos.

Também não negamos a importância e relevância do estudo de Goldschmidt: *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos*⁴ o que negamos é que haja uma estrutura interna e única nos ditos e escritos de Foucault⁵: cremos que a passagem a seguir não se aplica por completo à Obra de Michel Foucault: “os movimentos do pensamento filosófico estão inscritos na *estrutura* da obra, nada mais sendo esta estrutura, inversamente, que as articulações do método em ato; mais exatamente: é uma mesma estrutura, que se constrói ao longo da progressão metódica e que, uma vez terminada, define a

⁴ In.: GOLDSCHIMDT, Vitor. **A Religião de Platão**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1963.

⁵ A questão da variação de método, objetivo, desvios, inflexões no desenvolvimento de um curso é posta no artigo - *A Propósito do Título A Hermenêutica do Sujeito*, no qual a autora diz que Foucault não aborda temas que se propôs no início do curso: “O Curso de 1982 não percorrerá todos estes momentos ou não os abordará na mesma proporção Cf.: (MUCHAIL, 2009, p. 83).

arquitetura da obra” (GOLDSCHMIDT, 1963, p.143). A indagação presente e que fomenta a escolha metodológica tomada foi a seguinte: como poderíamos pensar em “chave” de leitura, em formas distintas de “entrar” nos ditos e Escritos de Foucault, se pressupormos uma arquitetura própria da obra que deve ser desvendada?

De forma geral, a pesquisa foi de cunho bibliográfico. Baseou-se na análise imanente dos textos de Foucault e na discussão com comentadores do filósofo. As reuniões com o orientador também se revelaram de vital importância na execução deste trabalho de pesquisa. Outro fator importante para a execução do trabalho foi o comprometimento com a divulgação da pesquisa na forma de congressos e artigos o que tornou ampla a discussão e consecutivamente auxiliou no aprofundamento de temas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Resultados desta pesquisa se encontram publicados através do Texto: *Para uma genealogia do sujeito e da ética em Michel Foucault*⁶. Neste texto inicial nós destacamos o seguinte:

O percurso filosófico de Michel Foucault trata da ética como um campo amplo de crítica e problematização e de constituição do sujeito moral que é encarnado, sofre pressão da cultura, tem responsabilidades sociais e que, portanto, está situado num presente histórico e que tem o dever ético-moral de cuidar de si (CORRÊA, 2015, p. 426);

Outro resultado está publicizado através de um capítulo de Livro *Uma Genealogia do Sujeito Ético em Michel Foucault*⁷. No Texto tratamos de situar a temática do sujeito e a noção de “Cuidado de Si” no interior da *Obra* do filósofo francês Michel Foucault. Neste capítulo de livro também procuramos marcar as

⁶ In: BORTOLINI, Bruna de Oliveira; PONTEL, Evandro (Orgs.). **XV Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS**. Vol. Porto Alegre: Editora Fi, 2015, pp 410-429. Disponível em: <http://www.editorafi.org/#!75semana/cq4f>

⁷ In.: NEUTZLING, Inácio; LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo (ORGs.) **Saberes e Práticas na Constituição do Sujeitos na contemporaneidade**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2016, pp. 1509-1518. Disponível em: <http://repositorio.unisinos.br/ihu/xvii-simposio-ihu/XVII-Simposio-IHU.html#1509/z>

mudanças de perspectiva que o tema do sujeito é tratado na *Obra* de Foucault. Na ocasião delimitamos a análise de textos do filósofo da década de 70 e textos do início da década de 80 do século passado. Destacamos nesta abordagem genealógica a interpretação do presente como um acontecimento filosófico. Por fim, enfatizamos a constituição de um sujeito humano historicamente situado que precisa constituir-se como sujeito ético da sua conduta. A título de exemplo destacamos que a formação do sujeito sempre compreende relações de poder, jogos de verdade e tomada de atitude.

“Diante desta trama de forças e jogos entre poder, sujeito e verdade é que para Foucault surge uma atitude crítica. Isto quer significar que o ‘sujeito’ humano precisa se ater ao seu presente, mesmo que para isso recorra a outras formações epistemológicas e éticas que ocorreram na história para compreender e cuidar do seu presente que se constitui por tramas de relações que combinam verdade, sujeito e poder” (CORRÊA, 2016a, p. 1516).

Outro resultado relevante que essa pesquisa possui está contido em outro capítulo de livro que é resultado da comunicação: *Ferramenta ou continuidade metodológica?*⁸ *A Parresía e virtude da probidade intelectual em M. Foucault e F. Nietzsche*” que ocorreu no evento I Colóquio: *Os Herdeiros de Nietzsche: Foucault, Agamben e Deleuze*. Neste texto discutimos o conceito de *Parresía* nos textos mais recentes da *Obra* de Michel Foucault e também debatemos a possibilidade de uma virtude na *Obra* tardia de Friedrich Nietzsche. Neste debate acadêmico destacamos a coragem que o sujeito humano possui para enunciar atos de fala que trazem mais efeitos para si do que para o interlocutor e coragem para aceitar as premissas e conclusões das próprias teses filosóficas. Por isso, na época postulamos a possibilidade de um novo “tipo” de sujeito ético, cuja coragem é uma virtude por excelência:

Parresía e probidade intelectual – eis os elementos éticos de outra “ordem moral!” O “sujeito ético” desta moral não está mais direcionado para um “*Télos*” do qual apenas alguns estão habilitados a falar e o qual somente é acessível sob uma pesada carga moral. Da mesma maneira, este “sujeito ético” não se preocupa em fazer uma defesa apaixonada e esclarecedora

⁸ In: ARALDI, Clademir e VALEIRÃO, Kelin. **Os Herdeiros de Nietzsche: Foucault, Agamben e Deleuze**. Pelotas: NEPFil online, 2016. Disponível em: <http://nepfil.ufpel.edu.br/studia/acervo-livro10.php>

dos conceitos fundamentais e das leis suprassensíveis que constituem o seu sistema moral. (CORREA, 2016b, p.95).

Outro desdobramento desta pesquisa é a constatação de que a *Parrhesía* exige uma única qualidade daquele sujeito que a usa em seu discurso formativo: sua qualidade moral. Portanto a *Parrhesía* não é uma técnica, não é uma pedagogia no sentido essencial do termo, não é uma arte de convencer, não é um elogio lisonjeiro. Por certo, ela também não está evidente em todo discurso, como se todo sujeito que tomasse a palavra obedecesse ao princípio da franqueza, da liberdade de expressão, e claro, da verdade. Seguir o princípio da *Parrhesía* não é simples e não só exige daquele que a usa muita ousadia e coragem ao falar, mas também uma arte de si mesmo, uma forma de vida, uma prática de formação da própria subjetividade, uma arte de cuidar de si. Este debate está colocado no texto: “A *Parrhesía* como única possibilidade do fraco criticar a injustiça do mais forte⁹” de autoria da acadêmica de Pedagogia Quêren Saraiva Gomes no qual se destaca:

O ato de fala que se pronuncia a partir de uma injustiça não é uma verdade do ponto de vista de um silogismo do qual poderíamos sentenciar como verdadeiro ou falso; não é um enigma a ser perscrutado em seu sentido último e verdadeiro; não é uma verdade que correlaciona sujeito e objeto e que em seguida afirma-se que há uma correspondência entre o sujeito este mesmo objeto. Mas a verdade da *Parrhesía* eclode da constituição moral do sujeito, da sua coragem de assumir os riscos e quem sabe do seu modo de vida. (GOMES, CORRÊA, 2016, p. 09)

Portanto, pensar cada um destes conceitos e ao mesmo tempo a relação entre eles é desafiador. A definição da noção de *Parrhesía* por sua natureza coloca um problema de formação, isto é de Educação. É nas últimas palavras da aula de 03 de março de 1982 em, *A Hermenêutica do Sujeito*, que Michel Foucault traz para a análise a noção de *Parrhesía*. Para o filósofo, a questão da *Parrhesía* se apresenta como um problema de formação nas escolas filosóficas de vida: ou seja, na relação do mestre com seu discípulo. Nestas escolas de vida os discípulos constituíam sua forma de viver na escuta silenciosa e atenta do seu mestre. O mestre, por sua vez, formava a subjetividade dos seus discípulos pelo discurso.

⁹ In: TONIETO, Carina et al. **II Simpósio de Filosofia e Direito: diversidade e reconhecimento**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. Disponível em: <http://www.upf.br/simfidi/index.php/anais-do-evento-2016/direito-das-minorias>

A genealogia que Foucault faz dos textos e de autores antigos sugere que o discurso formativo do mestre não obedecia aos objetivos dos enunciados retórico; não tinha a função de lisonjear a personalidade bem cultivada do discípulo; não procurava dotar um sujeito aprendiz, por meio de uma ação pedagógica, de uma aptidão técnica. Para Foucault o discurso do mestre deveria obedecer a um único princípio: o da *Parrhesía*. Neste ponto da sua aula o professor Foucault, então faz a definição do que se entende por *Parrhesía* e que tipos de obrigações se colocam para o *parrhesiasta*:

Etimologicamente, *parrhesía* é o fato de tudo dizer (franqueza, abertura de coração, abertura de palavra, abertura de linguagem, liberdade de palavra). Os latinos traduzem geralmente *parrhesía* por *libertas*. E a abertura que faz com que se diga o que se tem a dizer, com que se diga o que se tem vontade de dizer, com que se diga o que se pensa dever dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro (FOUCAULT, 2010, p 327).

Desta perspectiva, projeta-se um “sujeito ético” que não é constituído a partir da regra moral e nem é avaliado pelas suas motivações morais. Por sua vez, este indivíduo necessita constituir a si como sujeito moral da própria conduta. Também destacamos outra qualidade ética importante deste “sujeito ético”:

A coragem e a liberdade para comprometer-se com a verdade e os resultados que as suas ações e seus atos de fala produzem. O indivíduo ético, em sua liberdade, não age segundo o código ou o juízo moral, mas segundo a arte de bem viver. A probidade intelectual, a derradeira virtude isenta de carga moral, e suas disposições derivadas – a coragem, a honestidade e a sinceridade são “instrumentos” necessários para suportar a eterna roda do tempo, para amar o destino e seus fados e para resistir os antagonismos do vir a ser. (CORRÊA, 2016c, p. 122).

Portanto, a nossa hipótese é corroborada e a Probidade Intelectual e a *Parrhesía* conduzem a uma coragem ponderada para que o “indivíduo ético” possa arriscar ao pronunciamento da verdade num pacto consigo mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos, portanto, que a coragem de dizer a verdade é um ato verbal derradeiro, já que o injustiçado não tem mais a quem e a quem recorrer. Por certo,

poderíamos destacar aqui outros atos agonísticos que são não verbais e do mesmo modo contestam uma injustiça. Alguém que se propõe a fazer uma greve de fome para tornar pública uma injustiça é um exemplo pertinente e não há dúvidas que é uma maneira de denunciar injustiças. Uma greve de fome é um rito daquele que nada pode diante daquele que tudo pode, inclusive tem o monopólio da violência legítima. Contudo, assim como a *Parrhesía*, o rito da greve de fome ressalta a injustiça do poderoso do qual o grevista é vítima.

Por fim, salientamos mais uma vez que o ato de fala que se pronuncia a partir de uma injustiça não é uma verdade do ponto de vista de um silogismo do qual poderíamos sentenciar como verdadeiro ou falso; não é um enigma a ser perscrutado em seu sentido último e verdadeiro; não é uma verdade que correlaciona sujeito e objeto e que em seguida afirma-se que há uma correspondência entre o sujeito este mesmo objeto. Mas a verdade da *Parrhesía* eclode da constituição moral do sujeito, da sua coragem de assumir os riscos e quem sabe do seu modo de vida.

REFERÊNCIAS

CANDIOTTO, Cesar. *Parresía cínica e alteridade na perspectiva de Michel Foucault*. **Dissertatio**, nº40, Pelotas, verão de 2014, pp. 215- 236.

CORRÊA, Sergio F. Maciel. *Para uma genealogia do sujeito e da ética em Michel Foucault* In: BORTOLINI, Bruna de Oliveira; PONTEL, Evandro (Orgs.). **XV Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS**. Vol. Porto Alegre: Editora Fi, 2015, pp. 410-429.

_____. *Uma Genealogia do Sujeito Ético em Michel Foucault*. In.: NEUTZLING, Inácio; LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo (ORGs.) **Saberes e Práticas na Constituição do Sujeitos na contemporaneidade**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2016a, pp. 1509-1518.

_____. *A Parresía e virtude da probidade intelectual em M. Foucault e F. Nietzsche*. In: ARALDI, Clademir e VALEIRÃO, Kelin. **Os Herdeiros de Nietzsche: Foucault, Agamben e Deleuze**. Pelotas: NEPFil online, 2016b. pp. 77-99.

_____. **O “sujeito” da interpretação em Nietzsche e Foucault: uma leitura da genealogia da moral e da ética do cuidado de si**. Curitiba: CRV, 2016c.



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros:** curso dado no Collège de France (1982-1983). (Trad.: Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOLDSCHMIDT, Victor. *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos* : In: **A religião de Platão**. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1963. p.. 139-147.

GOMES, Quêren Saraiva; CORRÊA, Sergio F. Maciel. *A Parrhesía como única possibilidade do fraco criticar a injustiça do mais forte*. In: TONIETO, Carina et al. **II Simpósio de Filosofia e Direito: diversidade e reconhecimento**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

LOPES, Rogério Antônio. *Estudo de fontes e leitura imanente: algumas considerações metodológicas a partir do caso Nietzsche*. **Dissertatio** (UFPel), v. 35, p. 227-247, 2012.

MUCHAIL, Selma Tannus. A Propósito do Título A Hermenêutica do Sujeito. **Aurora**, Curitiba, v. 21, nº 28, pp. 79-86, jan./jun. 2009.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. (Trad.: de Oswaldo Giacoia Junior; apresentação de Scarlett Marton). São Paulo: Anablume, 1997.

_____. **Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia**. (Trad.: Clademir Araldi; apresentação de Scarlett Marton) São Paulo: Unifesp, 2009.

RUIZ, Castor Bartolomé. A Filosofia como forma de vida: Pierre Hadot, a filosofia antiga e os exercícios (askesis) do espírito. **Revista IHU On-Line**, ed. 461, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2015, pp. 11-20.